

A FONÉTICA E A FONOLOGIA NA OBRA DE LEODEGÁRIO AMARANTE DE AZEVEDO FILHO

Mirian Therezinha da Matta Machado
(ABRAFIL/CiFEFiL/UFF) mtmatta@terra.com.br

Leodegário Amarante de Azevedo Filho apresenta nos *Ensaio de Linguística e Filologia* (1971, p. 15) a seguinte classificação articulatória, das consoantes do português, quanto ao modo de articulação:

- a) Oclusivas: /p/ ~ /b/; /t/ ~ /d/; /k/ ~ /g/.
- b) Constrictivas: /f/ ~ /v/; /s/ ~ /z/; /ʃ/ ~ /ʒ/.
- c) Laterais: /l/ ~ /ʎ/.
- d) Vibrantes: /r/ ~ /R/.
- e) Nasais: /m/ ~ /n/ ~ /ɲ/.

Essa classificação articulatória das consoantes do português, apresentada pelo autor, está fundamentada nos ensinamentos da fonética clássica e nos princípios da linguística estruturalista e vista no âmbito dessas escolas, está correta, tanto do ponto de vista fonético, quanto do ponto de vista fonológico. Nela o autor revela conhecer o método estruturalista da análise fonológica, desenvolvido na Escola de Praga e, por ele, adquirido, através da leitura da obra do eminente linguista, André Martinet, e dos estudos pioneiros, sobre a fonologia do português, do professor, Joaquim Matoso Câmara Jr., sintetizados em sua tese de doutorado, *Para o estudo da fonêmica portuguesa*, editada, pela primeira vez, em 1953.

Sendo assim, Leodegário A. de Azevedo Filho, em sua classificação dos fonemas do português, não ocorre em erros fundamentais que invalidam a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) (MEC, 1959) e, conseqüentemente, as descrições fonéticas que aparecem, até hoje, nas gramáticas e nos compêndios de linguística de autores brasileiros que se baseiam nessa nomenclatura.

Para ficar mais clara essa comparação com a NGB, recordemos como apresenta a classificação das vogais, e a das consoantes, quanto ao modo de articulação: em sua primeira parte:

1. Classificação das vogais

Classificação das vogais:

- a) quanto à zona de articulação, em:
anteriores, médias e posteriores
- b) quanto ao timbre, em:
abertas, fechadas e reduzidas
- c) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal, em:
orais e nasais
- d) quanto à intensidade, em:
átonas e tônicas

2. Classificação das consoantes

Classificam-se as consoantes:

- a) quanto ao *modo de articulação*, em:

oclusivas

constritivas: fricativas, laterais, vibrantes

Vejamos as palavras do próprio Autor a esse respeito:

O nosso quadro difere da classificação proposta pela Nomenclatura Gramatical Brasileira, por motivos que vamos enumerar. Como se vê a classificação é de base fisiológica e não acústica. Mas que faz a Nomenclatura Gramatical Brasileira? Classifica as consoantes em oclusivas e constritivas, incluindo no quadro das constritivas as consoantes fricativas, laterais e vibrantes.

.....

Ora, essa classificação é falha. Em primeiro lugar, porque o termo fricativo é de base acústica e não de base articulatória. E se a classificação se baseia no *modo de articulação* (como está na Nomenclatura Gramatical Brasileira) não se compreende que nela entre um termo de base acústica. Aliás, os termos *constritivas* e *fricativas* designam exatamente as mesmas espécies de consoantes, no primeiro caso encaradas do ponto de vista articulatório e, no segundo, de um ponto de vista acústico. Em segundo lugar, porque as laterais, as vibrantes e as nasais são consoantes que apresentam caráter oclusivo e constritivo simultaneamente. Por isso, entendemos que devem ser estudadas à parte as referidas consoantes. Não se justifica, portanto, a classificação proposta pela Nomenclatura Gramatical Brasileira.

Em nossa classificação, indicamos cinco grupos: oclusivas; constrictivas; laterais; vibrantes; e nasais. (AZEVEDO FILHO, 1971, p. 15-16)

Essa crítica de Leodegário A. de Azevedo Filho à NGB por classificar as consoantes, quanto ao modo de articulação, em *oclusivas* e *constrictivas*, e, depois, subdividir as *constrictivas* em *fricativas*, *laterais* e *vibrantes* é muito pertinente, como o é, propor que as *laterais vibrantes* e *nasais* sejam classificadas à parte, em virtude de suas características articulatórias específicas. É muito válida, também, a posição de Azevedo Filho em ressaltar que a classificação, em questão, é articulatória e não acústica, não sendo, pois, correto utilizar termos não referentes à fisiologia da fonação, numa descrição articulatória, do mesmo modo que não se devem usar termos da análise articulatória, numa descrição acústica.

Apenas, faríamos uma ressalva à consideração do termo *fricativo*, como pertencente à fonética acústica. Na verdade, este termo não designa nenhum fato relativo à descrição acústica dos sons da fala, a qual analisa as qualidades físicas desses sons, sendo assim ciência exata. *Fricativa* refere-se à impressão auditiva que nos produz o som articulado numa pequena *abertura*, do *conduto vocal*. *Fricativo* é considerado, nos estudos fonéticos atuais, termo de natureza *impressionista*, não pertencente a nenhum dos ramos da fonética moderna.

Hoje, com os recursos dos aparelhos usados para a análise dos sons da fala, faz-se a classificação acústica dos fonemas, a partir de seus traços físicos distintivos. Assim, por exemplo, em português, as *constrictivas* [f v s z S J], do ponto de vista acústico, distinguem-se das *vibrantes* [r R] pelo traço, *não soante*.

As *constrictivas* são: *consonânticas*, *não silábicas*, *não soantes*, e as *vibrantes*: *consonânticas*, *não silábicas*, *soantes*.

Observação: Traço *soante/não soante* (ou *obstruinte*).

Os sons *soantes* são aqueles que são produzidos com uma configuração do trato vocálico, na qual o vozeamento espontâneo é possível.

São *soantes* em português: as *vogais*, as *vibrantes* e *laterais* e as *nasais*.

Os sons *não soantes* ou *obstruintes* são aqueles que são produzidos com uma configuração do trato vocálico que não permite o vozeamento espontâneo.

São *não soantes*, em português: as *consoantes não nasais*. (Ver Roman Jakobson, C. Gunnar M. Fant e Morris Halle. *Preliminaries to Speech Analysis*, 1951)

Pelo exposto, observa-se que a descrição dos fonemas na fonética acústica é feita com embasamento científico e não apenas a partir da simples impressão que um som da fala pode nos causar, ao ouvi-lo, como originou a designação de *fricativa* para as consoantes.

Fricativa refere-se, assim, à sensação que nos causa o ruído da fricção da corrente de ar no canal estreito, que produz a consoante. Não é um termo da fonética acústica, nem da fonética perceptiva ou auditiva, que também é um estudo científico. Por essa razão, o termo correto para substituir *fricativa* é *constritiva*. Esse, sim, é um termo articulatorio que se refere ao *aperto* do *trato vocal*, à redução desse canal, para a produção dessas consoantes.

Na descrição fonética moderna, o termo, geralmente, aceito para substituir *constritiva* no lugar empregado pela NGB é *contínua*.

Observar, ainda, que o termo *líquida*, tradicionalmente, usado para designar as *vibrantes* e *laterais* é também de origem “impressionista”, pois refere-se ao conceito que se tem de líquido: aquilo que é fluído, que corre. Logo, não deve ser usado numa descrição articulatória científica dos sons da fala.

A classificação das consoantes em português, quanto ao modo de articulação, apresentada por Leodegário A. de Azevedo Filho (1971) corretamente observou a separação das *laterais*, *vibrantes* e *nasais*.

Desde a década de 80, venho propondo a classificação das consoantes em português, quanto ao *modo de articulação* em: *momentâneas (oclusivas)*, *contínuas (constritivas, laterais e vibrantes)* e as *nasais*. Assim, as consoantes *contínuas* compreendem as *constritivas, laterais e vibrantes*, opondo-se às *momentâneas*, (que são as *oclusivas*) e às *nasais*, que devem ser classificadas, à parte.

Na classificação das consoantes, quanto ao *ponto de articulação*, Leodegário Azevedo Filho (1971, p. 16) considera o *erre* múltiplo, como *velar*.

Tal classificação encontra-se, mesmo, até, em excelentes gramáticos e linguistas da língua portuguesa. Entretanto, não é correta, pois é a

úvula que bate no *posdorso* da língua, e, não, o *posdorso* da língua, na região *velar*.

Este último movimento é, praticamente, irrealizável...

Veja, a esse respeito, Bertil Malmberg (1974, p. 158).

Quanto às vogais, Leodegário A. de Azevedo Filho (1971), adota a classificação, proposta por Matoso Câmara Jr., em 1953, esquematizada em três triângulos vocálicos. O primeiro com sete vogais, em posição tônica: /u/ ~ /o/ ~ /ɔ/ ~ /a/ ~ /ɛ/ ~ /e/ ~ /i/ :

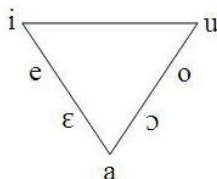


Fig. 1. Vogais orais tônicas

o segundo com cinco vogais, em posição átona, não final : /u/ ~ /o/ ~ /a/ ~ /e/ ~ /i/ :

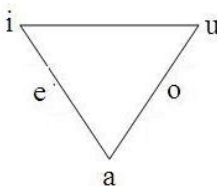


Fig. 2 Vogal átona não-final

e o terceiro, com apenas três vogais: /u/ ~ /a/ ~ /i/, em posição átona final.

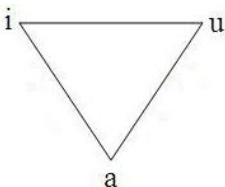


Fig. 3 Vogais átonas finais

Não considera as vogais nasais como fonemas, seguindo a teoria de Câmara Jr. Embora não concorde com essa interpretação da nasalidade em português, não vou discuti-la aqui, pois sendo uma questão muito complexa, fugiria ao tema dessa conferência. Para isso, ver Matta Machado (1981).

Prosseguindo suas considerações sobre as vogais, muito oportunamente, alerta o leitor, quanto à inexatidão da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), em classificar as vogais átonas finais do português do Brasil, como *reduzidas*:

A propósito das vogais, queremos lembrar ainda a inexatidão científica que se encontra na Nomenclatura Gramatical Brasileira, quando nos apresenta uma classificação de vogais reduzidas quanto ao timbre, resultante da confusão do traço fônico da quantidade com o traço fônico do timbre. Não existe, com efeito, timbre reduzido. Os portugueses, desde Gonçalves Viana, dão o nome de reduzidas às vogais átonas brevíssimas na pronúncia deles, como o /e/ final do vocábulo *pele*, ou como o /e/ medial no vocábulo *pareço*. No Brasil tal pronúncia do /e/ não existe, pois não temos o chamado /e/ neutro da pronúncia lusitana. O que se verifica aqui é um fenômeno de substituição de fonemas, por neutralização vocálica, como é o caso do aparecimento dos arquifonemas /I e /U/, em posição átona final, em vocábulos como: *quase*, *leve*, *aluno*, *prado*.

E, continua, admitindo a hipótese de que esse erro resulta de uma interpretação equivocada da doutrina de Gonçalves Viana, no Brasil:

Com efeito, alguns autores, não encontrando o chamado /e/ neutro na pronúncia brasileira, o tal /e/ átono brevíssimo de Gonçalves Viana, admitiram que se tratasse de timbre, quando pronunciamos os arquifonemas /I e /U/, em posição átona final. Daí a denominação de vogal reduzida quando ao timbre, inteiramente falsa. Mas o erro se generalizou entre nós e acabou sendo agasalhado pela Nomenclatura Gramatical Brasileira.

Observou também que ao classificar as vogais quanto ao *timbre*, em *abertas*, *fechadas* e *reduzidas*, a NGB não separa nas *anteriores*, o /i/ do /e/; e nas *posteriores*, o /u/ do /o/, o que resulta numa classificação incorreta das vogais, e até mais do que isso, não consegue classificá-las. Como os gramáticos que seguem a NGB, sugeriu, para separar esses fonemas, o acréscimo de um quinto critério: “os graus de abrimento que resultam da posição da língua: alta, média, e baixa” (1971, p. 18), solução que nesse caso não conserta nada...

Para a língua portuguesa, como para as outras línguas, que têm quatro graus de abertura, esse critério não deve ser adotado, pois temos um conjunto de vogais que se opõem em quatro níveis, e não em três. As

descrições articulatórias das vogais do português feitas com filmes cineradiológicos comprovam essa conclusão (MATTA MACHADO, 1981).

Leodegário Azevedo Filho se refere, também, a ausência, na Nomenclatura Gramatical Brasileira do traço de arredondamento dos lábios na produção das vogais. (1971, p. 18). Mas, quanto a isso, a NGB está correta, pois o arredondamento dos lábios é um traço redundante, nas classificações, tradicionais, do português, e das outras línguas, que usam para classificar as vogais os critérios: 1) lugar de articulação: anterior, central, posterior; 2) graus de abertura na cavidade bucal, dado pela posição da língua: alta, média do 1º grau, média do 2º grau, baixa, ou o outro critério, de grau de abertura, correspondente a este: fechada, semifechada, semiaberta, aberta; 3) nasalidade: oral, nasal.

Usando esses critérios, as vogais arredondadas /u/, /o/, /ũ/, /õ/ nasal são separadas de todas as outras vogais *não arredondadas*, já na aplicação do primeiro critério de *lugar de articulação*, pois as vogais *posteriores* são as únicas arredondadas. Logo, se já estão separadas pelo traço *posterior*, o *arredondamento* dos lábios é um traço *redundante*.

Entretanto, a partir de análises articulatórias dos sons do português, baseadas em longas pesquisas, com inúmeras imagens de filmes cineradiológicos, defendendo, desde 1981, a tese de que a *labialização* é um traço *distintivo* em nossa língua, pois é por meio dela que distinguimos o [a] do [] e o [ã] do [õ]. (MATTA MACHADO, 1981)

Nessa nova classificação das vogais que apresento, fundamentada em teorias e pesquisas da fonética experimental moderna, [a], [] e [ã], [õ] são vogais que têm o mesmo *lugar de articulação* e o mesmo *grau de abertura*, ambas são *faríngeas* e *abertas*, donde a necessidade de separá-las pela *labialização*.

Essas observações sobre esses graves erros, na classificação dos sons, na Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) revelam o sólido conhecimento linguístico de Leodegário Azevedo Filho, necessário a descrição científica dos fatos da língua, assim como um, fundamental, embasamento teórico da fonética e da fonologia do português, embora se encontrem em seus escritos alguns conceitos, comuns entre os principais gramáticos e linguistas da época, que não condizem com os resultados das pesquisas fonéticas e fonológicas, desenvolvidas, principalmente, a partir da década de 1950, na Europa e nos Estados Unidos. Isso ocorre, porque os estudos da fonética moderna só começaram a despertar o interesse dos pesquisadores brasileiros nos últimos trinta anos do século pas-

sado. Só na década de 80 apareceram as primeiras teses de fonética experimental, defendidas em universidades do exterior, que tinham excelentes laboratórios de fonética e foneticistas renomados.

Câmara Jr. se refere, indiretamente, à falta de estudos fonéticos no país, quando busca privilegiar os aspectos descritivos sincrônicos da língua portuguesa no Brasil: “Isso nos impõe a tarefa de fazer a descrição (mesmo para fins escolares) em função da língua oral, o que, paradoxalmente, nem em relação à fonética, nas nossas gramáticas, é feito de maneira coerente”. (CÂMARA JR., 1970, p. 11)

E, infelizmente, essa frase de Câmara Jr. principalmente, no que concerne à fonética pode ser repetida, ainda, hoje...

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Ensaio de lingüística e filologia*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Documentação, Serviço de Publicações, 1971.

_____. *As unidades melódicas da frase*. Rio de Janeiro: Editora do Professor, 1964.

CÂMARA JR., J. Matoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

JAKOBSON, Roman, FANT, C. Gunnar, HALLE, Moris *Preliminaries to Speech Analysis*. 1. ed. The M.I.T Press Cambridge, Massachusetts 1951.

MALMBERG, Bertil. *Manuel de phonétique générale: Introduction à l'analyse scientifique de l'expression du langage*. Paris: Picard, 1974.

MARTINET, André. *Éléments de linguistique générale*. 6. ed. Paris: Librairie Armand Colin, 1966.

MATTA MACHADO, Mirian Therezinha da Matta. *Étude articulatoire et acoustique des voyelles nasales du portugais de Rio de Janeiro: Analyse radiocinématographique, sonographique et oscillographique*. 1981. 2 v. 743 f. Tese (Doutorado em Fonética) – Université des Sciences Humaines de Strasbourg, Strasbourg, 1981.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. *Nomenclatura gramatical brasileira (NGB)*. Portaria nº 52, de 24 de abril de 1957. Rio de Janeiro.